



# Discurso & Sociedad

Copyright © 2019  
ISSN 1887-4606  
Vol. 13(3) 449-467  
[www.dissoc.org](http://www.dissoc.org)

---

*Artículo*

---

## **Mentirosos, corruptos e comunistas! As Fake News e o politicamente incorreto.**

*Liars, corrupt and communists! The Fake News  
and Politically Incorrect.*

*Vanice Maria Oliveira Sargentini*  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

*Geovana Chiari*  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

## Resumen

*El objetivo de este artículo es analizar algunas estrategias que propiciaron la victoria de un candidato de derecha en las elecciones presidenciales brasileñas de 2018. ¿Qué fue lo que alimentó el odio a la izquierda a lo largo de los años? ¿Cuáles son las razones por las cuales el discurso bolsonarista atrae y conquista a parte del electorado? Partimos de la hipótesis de que tres son los factores que contribuyeron a ese resultado: existe una histórica descualificación a la izquierda, el carácter innovador de las formas de circulación del discurso político y la emergencia de las cuestiones sobre moral y costumbres. Para responder a estos interrogantes nos basamos en una arqueogenealogía del discurso político que nos proporcionará herramientas para el análisis del comportamiento político de una sociedad atravesada por determinadas prácticas discursivas.*

**Palabras clave:** Discurso político. Elecciones presidenciales 2018. Noticias falsas. Políticamente incorrecto.

## Abstract

*The purpose of this article is to analyze some strategies that propitiated the victory of a right-wing candidate in the Brazilian presidential elections of 2018. What would have been feeding the left hate throughout the years? For what reasons does the bolsonist discourse attract and gain part of the electorate? We have hypothesized that three factors contributed to this result: there is a history of disqualification of the left, the innovative character of the forms of circulation of political discourse and the emergence of themes about moralism and customs. In order to answer these questions, we rely on an archeogenealogy of political discourse, which will offer us tools to analyze the political behavior of a society crossed by certain discursive practices.*

**Keywords:** Discourse analysis. Presidential Elections 2018. Fake News. Politically Incorrect.

## **Introdução**

As eleições brasileiras de 2018 impuseram ao país um giro à direita. O pleito foi marcado pelo mais alto número de abstenções, desde 1994, sendo de 20,33% no primeiro turno e de 21,30% no segundo. Os votos nulos e brancos somaram 9,57% no segundo turno. Contabilizando os votos válidos, Jair Bolsonaro foi eleito com 55,13% dos votos e em segundo lugar Fernando Haddad obteve 44,87% dos votos<sup>1</sup>. A OEA, pela primeira vez, observou uma campanha eleitoral no país e avaliou com preocupação a polarização e a agressividade feita por ameaças digitais e físicas ao longo da campanha. Cientes desse quadro, objetivamos analisar as razões que levaram a pouca efetividade da esquerda na eleição presidencial de 2018, considerando que por 14 anos um mesmo partido de esquerda governou o país. São três as frentes que investigamos como hipótese: atribuição histórica e regular de desqualificação da esquerda em debates eleitorais e na mídia de grande distribuição; novas formas de circulação do discurso de campanha, havendo forte presença das redes sociais por meio de aplicativos como o Facebook e o WhatsApp; e o julgamento dos costumes sociais como pauta política. Sabemos que outros fatores como os interesses econômicos de determinados grupos rentistas, a possibilidade de exploração internacional das reservas minerais e da força de trabalho e o avanço do neoliberalismo no mundo possam ter sido ainda mais definidores do resultado eleitoral, entretanto, esses fatores não são os de fato explicitados em campanhas ainda que estejam ali enunciados. Interessa-nos, neste artigo, analisar algumas das estratégias empregadas para levar a população a deflagrar seu voto em um determinado candidato ou contra um determinado candidato ou partido, sabendo que a eleição direta é a mais forte das ações democráticas à altura dos eleitores.

Teoricamente, amparamo-nos em uma arqueogenealogia (Foucault, 1986) do discurso político, analisando neste acontecimento – eleições de 2018 – o comportamento político de uma sociedade atravessada por práticas discursivas determinadas. A análise discursiva dos sistemas de formação dos objetos, dos modos de enunciação, dos temas e dos conceitos conduz-nos à noção de descontinuidades, que se sustenta nos postulados (i) de que não é possível nos reapoderarmos da origem inteiramente, ou do acontecimento verdadeiro e (ii) de que não é possível aceitarmos que tudo o que em um discurso se formula e se articula em um silêncio que lhe é prévio seria não questionável. As questões a serem postas em discussão, com base em Foucault (1986), centram-se na análise dos enunciados efetivamente enunciados: Como apareceu um

determinado enunciado e não outro em seu lugar? O que pode se tornar objeto de enunciação? Quais conceitos e escolhas estratégicas foram empregados? Trata-se de analisar esse saber político “na direção dos comportamentos, das lutas, dos conflitos, das decisões e das táticas” (Foucault, 1986, p. 220).

Pautar-nos-emos na análise do arquivo, em uma concepção foucaultiana, em que o material a ser selecionado deve ser definido em função do problema (Foucault, 2003) e não necessariamente de um período definido ou que contemple a exaustividade das ocorrências. Do arquivo referente aos enunciados e às modalidades enunciativas sobre a esquerda, coletamos aqueles enunciados que vieram a compor (i) um histórico de desqualificação dessa posição, produzidos no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) e em debates eleitorais. Sobre (ii) o caráter inovador das formas de circulação do discurso político, analisaremos como a campanha de 2018 falou sobre isso no HGPE, avaliando a atribuição de Fake News aos candidatos. E finalmente, sobre (iii) os costumes como pauta política, coletamos materiais que indicam como esse tema emerge na campanha presidencial de 2018 nos HGPE e nas campanhas políticas feitas em redes sociais. Nossa hipótese é de que esses três fatores afiançaram com diferente vigor a recusa ao discurso da esquerda e que o discurso da direita em suas polêmicas e notícias falsas amparou-se, às vezes, no discurso didático, em outras em um discurso da fala cotidiana das ruas, expresso em modalidades enunciativas de elaboração simples, enunciados sintéticos, privilegiando o uso de predicativos que se sustentem pela evidência dada sintaticamente.

### **A regularidade e a recorrência na construção das imagens atribuídas aos candidatos de esquerda: Corruptos, mentirosos e comunistas!**

Um dos fatores que supomos ter alimentado historicamente o discurso de desqualificação da esquerda é a regularidade de enunciados que atribuem ao candidato ser mentiroso por ignorância ou por falsidade, representante de uma classe pobre – e, portanto, supostamente facilmente corruptível – e ser comunista, seja por propor idealmente que as riquezas sejam divididas ou diferentemente sobretaxadas, seja por atribuir-lhe tudo o que há de negativo neste termo cristalizado. Desde a primeira eleição presidencial, após o período ditatorial brasileiro, atribuem-se aos representantes da esquerda a alcunha de mentirosos e falaciosos. Em 1989, por exemplo, Collor já dizia a Lula: “Me

parece que ele está **disposto a virar um Pinóquio** nessas eleições.” (00:50:54)<sup>2</sup>

Em 2002, os adversários de Lula vinculam sua imagem ao discurso da falsidade, dada a sua mudança de estratégia política, uma vez que se apresenta de modo mais polido e equilibrado, contrapondo-se às campanhas anteriores, em que seu discurso produzia um tom mais agressivo. Na campanha eleitoral de 2002, os candidatos espalham a acusação de que o petista está mentindo ao se apresentar como o “Lulinha, paz e amor”. Vejamos alguns enunciados retirados da propaganda de José Serra:

- (1) **Enunciado 1 Locutora:** “O PT nessa campanha tem se apresentado de uma maneira bem diferente do que ele sempre foi, agora ele é paz e amor. Mas a imprensa brasileira tem mostrado seguidamente que o Lula que você vê na TV não é o Lula do PT, é um Lula para ganhar a eleição. (00:41:46)
- (2) **Enunciado. 2 Locutor:** “O PT que você tem visto na TV é um PT bem maquiado, bonzinho e equilibrado para tentar ganhar as eleições.” (00:00:01)
- (3) **Enunciado 3 José Serra:** “Eu tenho uma cara séria, mas é uma só, mas não são duas, é uma só”. (00:07:19).

Nas campanhas de 2014, a mentira continua associada à esquerda e o adjetivo de Pinóquio passa a caracterizar outra pessoa: Dilma Rousseff. No oficial do candidato Aécio, cria-se uma seção denominada Dilmentirômetro, exibindo o seguinte enunciado: “As mentiras do PT não têm limites, mas têm as pernas curtas”<sup>3</sup>.

A recorrência do discurso da mentira associado à esquerda intensifica-se ao longo dos anos. No entanto, o início dessa intensificação se dá em 2006, justamente porque se vincula ao dizer mentiroso o discurso do combate à corrupção. Nesse momento, as principais formas de agressividade utilizadas foram as “temáticas agressivas” e os “dizeres irônicos”. No discurso da mentira, o dizer irônico aparece com mais regularidade. O discurso da corrupção, por sua vez, tinha como regularidade as temáticas agressivas que representavam as afirmações e perguntas diretas acerca das denúncias de corrupção no governo Lula. O funcionamento de alguns enunciados, extraídos dos HGPEs e dos debates, referentes ao discurso da mentira atribuída à esquerda, expõe sua regularidade pelas ocorrências e pelo emprego da modalidade enunciativa da ironia produzindo um efeito de sentido de verdade evidente a ser lido no enunciado a partir da enunciação:

- (4) **Enunciado 4 Heloísa Helena:** “No meu governo, não irá roubar ninguém e nem eu vou aceitar que alguém roube e depois eu faça de conta que eu não vi que alguém estava roubando” (Debate – 00:02:12)<sup>4</sup>
- (5) **Enunciado 5 Alckmin:** “Que presidente é esse que disse que não sabia de nada, que presidente é esse que disse que não viu nada, no andar dele, ali perto do gabinete dele e tantos auxiliares assim. Que história é essa?” (HGPE - 00:55:52)

Se no pleito de 1989 o “não saber” atribuído a Lula estava vinculado ao sentido de não ter competência ou ser um candidato ignorante intelectualmente, em anos seguintes o “não saber” está associado ao saber enquanto domínio do fato. Em 2002, Lula “é mentiroso”, pois mudou sua estratégia de campanha, era “selvagem”, agora “é bonzinho e equilibrado”<sup>5</sup>. Em 2006, o candidato petista “é mentiroso”, pois ignora as denúncias de corrupção no seu governo. Em 2014, Dilma também recebe o adjetivo de “mentirosa”, justamente por ser um “mero fantoche de Lula”<sup>6</sup>, como diziam seus adversários.

Ainda sobre a campanha de 2006, se por um lado, o discurso da mentira tinha como regularidade a ironia, o discurso da corrupção estava materializado, sobretudo, nas temáticas agressivas e provocadoras, como mostram os enunciados abaixo retirados dos debates televisivos:

- (6) **Enunciado 6 Alckmin:** “Desperdício, desvio de dinheiro, vampiros, sanguessuga, dinheiro do povo jogado fora.” (00:22:29)<sup>7</sup>
- (7) **Enunciado 7 Heloísa Helena:** “Eu sei que as dificuldades são gigantescas na nossa campanha. Não temos o dinheiro fácil, os dólares nas peças íntimas do vestuário masculino e tantas outras coisas malditas daqueles que parasitam os cofres públicos e agem com cinismo e dissimulação.” (00:54:00)<sup>8</sup>
- (8) **Enunciado. 8 Alckmin:** “Quero perguntar ao candidato Lula, [...] nós tivemos 5 ministros no seu governo denunciados pelo ministério público, denunciados pela justiça ou pela polícia, escândalos na Petrobrás, nos Correios, [...] é coincidência tudo isso?” (00:00:00)<sup>9</sup>

Escândalos na Petrobrás, nos Correios, desvios de dinheiro, “mensalão”, “dólar na cueca”<sup>10</sup> foram frequentemente enfatizados e repetidos nos debates, nos HGPEs, e replicados pela televisão e pela mídia impressa. A participação midiática foi cada vez mais intensa, espetacularizando essas temáticas e cuidando para que, ao longo do tempo, essa memória da corrupção e mentira ligada à esquerda se mantivesse viva a cada ano. No entanto, essa memória não só se manteve presente, como proporcionou uma demonização da esquerda no Brasil, e conseqüentemente a

propagação de uma agressividade e ódio sem limites. No emprego das estratégias de regularidade e recorrência na atribuição de sentidos ao discurso da esquerda mentirosa e corrupta, há a presença de enunciados que parecem dizer pela evidência: O Lula (da TV) não é o Lula (do PT)<sup>11</sup>; Lula parece não saber<sup>12</sup>; Dilma é Lula<sup>13</sup>; Haddad é Lula<sup>14</sup>; Lula é comunista<sup>15</sup>; O discurso petista é uma fraude<sup>16</sup>. Enunciados nos quais o recurso de emprego do predicativo associa A a B, por uma relação sintática e por um discurso que se formula em um já dito anteriormente, conduzindo o enunciatário a aceitar os fatos sem questioná-los.

Além dos enunciados linguísticos, os enunciados imagéticos também alimentaram diariamente, desde 2014, o discurso da corrupção. O apresentador do Jornal Nacional da Globo, em todas as matérias referentes à investigação da Lava-jato iniciada em 2014, ao reportar-se a esse tema, tinha ao fundo uma imagem de um tubo de encanação de Petróleo jorrando notas de dinheiro<sup>17</sup>. As diversas construções discursivas tão repetidas, intensificadas e replicadas, colaboraram sobremaneira para produzir essa marca tão cristalizada de que o PT é corrupto e mentiroso, tornando-se um mal a ser combatido.

### **As mídias sociais na irrupção das novas formas de circulação do discurso político.**

As questões que envolveram o discurso da mentira, da corrupção e do comunismo atingiram seu ápice na campanha de 2018. O que antes gerava um incômodo, nessa eleição passa a ser intolerável. O discurso da mentira continua sendo associado à esquerda, mas agora impulsionado e amplificado pela circulação das chamadas Fake News, distribuídas, sobretudo, pelas redes sociais (especialmente Facebook, Twitter e WhatsApp). Se antes havia uma recorrência de dizeres como “X é mentiroso”, em 2018, ocorre um deslocamento para “as notícias são fake”. Os dois enunciados a seguir foram publicados no *site* oficial do candidato Fernando Haddad<sup>18</sup>, expondo uma ação de defesa às falsas notícias que atingiam o candidato e atribuindo a seu adversário a famigerada atitude de produção e distribuição de Fake News.



A estratégia discursiva de produção e distribuição de notícias falsas fez emergir enunciados como ‘rede bolsonarista da internet’. A militância partidária sofre transformações profundas. Há uma nova posição e novo papel do sujeito falante no discurso político. Produzem-se temáticas de campanha a serem reverberadas, entretanto, se até 2010 a pauta era dada por inserções televisivas ou temas do programa de governo, já em 2014 e intensamente em 2018, há uma rede organizada de sites e páginas que oferecem conteúdos para compartilhamento. A posição do sujeito que enuncia está restrita ao novo papel que lhe foi atribuído: não é produtor de notícias, é, especialmente, um reproduzidor, replicador de conteúdos. A emergência de um novo vocábulo, – ‘Bolsominion’ –, atesta essa subjetivação que alimenta no sujeito o desejo de seguir e servir (os Minions, personagens do filme *Meu malvado favorito*, tinham como único objetivo servir aos vilões) incondicionalmente. Não sem razão, nas redes sociais, há ‘seguidores’ e não militantes.

Na campanha presidencial de 2018, a circulação de Fake News foi mesmo um capítulo à parte. A proliferação de influenciadores digitais criaram bolhas de usuários com interesse em política nas redes sociais e os compartilhamentos de *posts*, as retuitagens e a distribuição de mensagens por WhatsApp alcançaram enormes índices com suspeita de participação de robôs contratados para impulsionar as postagens. Na semana que antecedeu o primeiro turno, dentre os 20 *posts* de Facebook mais compartilhados da semana, os oito primeiros eram da página de Jair Bolsonaro<sup>19</sup>. Houve denúncia no jornal Folha de São Paulo de que “empresas estavam comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT no WhatsApp”<sup>20</sup>. Para exposição de como essas mensagens articulavam o tema da mentira, da corrupção e do comunismo em WhatsApp pode ser vista a seguinte postagem feita em vídeo: Todos

os brasileiros precisam saber o que é Gramscismo!<sup>21</sup> O vídeo possui 5:06 minutos, sendo o áudio feito por um empresário que divulgou seu apoio à candidatura do PSL e a imagem é exibida em um sistema de telas (com imagens e textos) que homologam o que está sendo dito. Assemelha-se ao gênero acadêmico escolar, cuja didatização (exposição de um autor, responsável por um conceito, seguido de uma explanação em etapas) conduz à associação com circunstâncias e fatos da atualidade, por meio de um discurso que se formula e se articula pautado em um saber prévio produzido na sociedade ocidental. O atravessamento do discurso didático no discurso político oblitera as incongruências do que é dito. Há uma incompatibilidade entre o que se afirma nos enunciados e o que se verifica na história do presente.

(9) **Enunciado. 9** Todos os brasileiros precisam saber o que é gramscismo. Uma tese criada pelo filósofo comunista e marxista Antônio Gramsci, que influencia diretamente na nossa política e cultura. A tese fala que para implementar o comunismo em uma sociedade, o melhor caminho é ir alterando a cultura e os valores éticos e morais do seu povo, pois uma sociedade culturalmente e moralmente fraca é muito mais fácil aceitar revoluções. Foi sabendo disso que Antonio Gramsci postulou o conceito de hegemonia cultural, que trata o domínio ideológico de uma classe sobre a outra, trazendo o enfraquecimento do capitalismo, culminando em uma revolução e ditadura comunista. Mas de que forma isso impacta na nossa vida? Toda a inversão de valores existentes hoje no Brasil, implantada pela esquerda, é completamente baseada no Gramscismo. Um plano de poder dos comunistas que vem sendo adotado em vários países da América do Sul como Brasil, Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua e muitos outros. Aqui no Brasil se tornou mais forte no governo de Fernando Henrique Cardoso, quando permitiu a criação do foro de São Paulo, proposto por Lula e Fidel Castro. O golpe comunista vem sendo aplicado na sociedade em etapas.

Foucault, no método arqueológico, ao falar sobre a descrição do arquivo, leva-nos a questionar a interferência dos meios e processos de circulação dos discursos na produção dos sentidos. Algumas reflexões sobre essa problemática conduzem-nos a Foucault (1968 [2010]), quando em sua reflexão sobre a descrição do arquivo que está submetido à lei da existência dos enunciados e a suas condições de emergência, o autor indica que a produção e a transformação dos enunciados é definida pelos limites e formas (i) da dizibilidade (sobre o que é possível falar? O que se inscreve como domínio discursivo?), (ii) da conservação (quais enunciados são destinados a passar sem deixar vestígios e quais se cristalizam em nossa memória seja pela recitação, pelo ensino ou pela

pedagogia?), (iii) da memória (como a inscrição dos discursos nas formações discursivas os tornam válidos, discutíveis ou definitivamente invalidados?), (iv) da reativação (quais são os discursos produzidos em outras épocas que tentamos reconstituir e como?) e (v) da apropriação (como se dá a luta pelo domínio dos discursos?).

No texto do vídeo, o sujeito enunciador vale-se de uma forma de ‘apropriação’ de um saber (explicar quem é o dito filósofo comunista e marxista Antônio Gramsci) que exposto como um discurso didático acadêmico também lhe atribui poder. Nesta reativação do discurso considerado de esquerda na história da filosofia, o Gramscismo, pouco comentado nos discursos cotidianos brasileiros, torna-se a fonte de inversão dos valores. É por um efeito de evidência construído sintaticamente que isso se dá: “Toda a inversão de valores existentes hoje no Brasil, *implantada pela esquerda*, é completamente baseada no Gramscismo”. O encaixamento da oração relativa explicativa reafirma não só que hoje há uma inversão de valores, como também, por um efeito do pré-construído (Pêcheux, 1969), a responsável por esse fato é a esquerda. O enunciador, por um recurso às formas de conservação – quais enunciados devem entrar na memória dos homens pela pedagogia e ensino –, recorre à suposta definição de Gramscismo - “Um plano de poder dos comunistas que vem sendo adotado em vários países da América do Sul como Brasil, Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua e muitos outros” e da sua presença “no governo de Fernando Henrique Cardoso, quando permitiu a criação do foro de São Paulo, proposto por Lula e Fidel Castro”. A condição de dizibilidade desses dados são incompatíveis com o real com o qual nos deparamos (não vivemos o comunismo no Brasil, Fernando Henrique Cardoso não fez um gesto inaugural de implantação do comunismo no Brasil) e são sustentados pela apropriação indevida do sujeito que enuncia, que por sua vez reativa acontecimentos no mínimo inadequadamente apreciados. A gravidade da distribuição dessa mensagem por WhatsApp dá-se não somente pelo fato de ser uma notícia falsa, mas de se valer de recursos que são caros à ciência e ao ensino, em especial. O recurso de apresentação dos fatos em etapas que adiantam as consequências é utilizado como forma argumentativa:

- (10) **Enunciado. 10** O golpe comunista vem sendo aplicado na sociedade *em etapas. Tudo começa com* um governo populista, que implanta assistencialismo, criando bolsas e planos familiares, com o objetivo de controlar a classe pobre e garantir votos de cabresto na próxima eleição [...]. *Na segunda etapa*, há a destruição da classe média. Ela é culpada pela pobreza dos outros e pela discriminação. Os governantes promovem também várias modificações na Constituição, criando leis como a lei da mordaza, a lei do aborto, da censura, da legalização das drogas. [...] *Já na terceira etapa*, há a tomada do Poder. Os grupos de choques estarão presentes em atos do governo, coibindo as manifestações da oposição e fim da liberdade de expressão.

O emprego da enumeração antecipa fatos não verificáveis, uma vez que no Brasil nunca houve um regime comunista, mas argumentativamente cria o efeito de sintoma e diagnóstico. O que se obtém com esse recurso é a produção do medo. Enfim, estamos diante do emprego de uma forma mais complexa de produção de Fake News.

O discurso de associação do comunismo ao PT é também recorrente no HGPE da campanha de 2018. Vejamos os enunciados nos quais se vinculam a imagem do PT e de seus líderes a políticos e países comunistas:

- (11) **Enunciado. 11** “A violência assusta nossas famílias, o desemprego tira a esperança de milhões de brasileiros, como na Venezuela, tão admirada por Lula, Dilma e Haddad” (00:01:07)<sup>22</sup>
- (12) **Enunciado. 12** “Agora, o PT quer voltar para fazer uma nova constituição igual à da Venezuela de Maduro e Chaves, censurar a imprensa, soltar presos e enterrar a Lava jato” (00:00:25)<sup>23</sup>

Com pouco tempo de propaganda na televisão, Bolsonaro, a exemplo de D. Trump, aposta nos Tweets, em publicações de mensagens no Facebook e WhatsApp, centralizando, assim, seu canal de comunicação com os eleitores nas mídias digitais. Maurício Moura, fundador da consultoria Ideia Big Data e também pesquisador na Universidade George Washington, analisou o uso do WhatsApp nas eleições de 2014 e 2018, e constatou que

o PT foi pego de surpresa. Eles não colocaram energia e recursos no WhatsApp, tanto para disseminar conteúdos através de grupos, como para coletar números de celular para aumentar o cadastro deles. Não deram a atenção que o WhatsApp merecia. O WhatsApp era uma tendência, baseado no histórico das eleições do México e da Colômbia. O PT se prendeu à velha forma de fazer campanha. Se por um lado foram bem na integração, não deram foco ao WhatsApp.<sup>24</sup>

Um dos principais trunfos de Bolsonaro foi a campanha digital, que disseminou os discursos da mentira, das Fake News, da corrupção, do comunismo, os quais ganharam força justamente por serem potencializados, ampla e massivamente divulgados “sem um mestre aparente”(Pêcheux e Gadet, 2004, p.24) , pelas redes sociais, sobretudo pela WhatsApp.

Se anteriormente, o comunismo associado ao PT, por exemplo, aparecia como uma sugestão ou possibilidade, as mensagens que circulavam nesses meios, em 2018, produziam efeitos de verdade absoluta e inquestionável, cristalizando a frase “O PT é comunista”.

### **O discurso moralista e o declínio da esquerda: a emergência do politicamente incorreto**

Outro fator importante e decisivo para a vitória de Bolsonaro que contribuiu para marcar sua oposição ao discurso da esquerda foi seu discurso moralista, inserido no chamado politicamente incorreto.

O termo politicamente incorreto tem sido utilizado por alguns grupos que defendem a misoginia, comportamentos agressivos e racistas. Bolsonaro, desde o início de sua campanha, apresenta-se como politicamente incorreto, atribuindo à esquerda a adesão ao ‘politicamente correto’, como mostra o seguinte post em sua página no Facebook:

O politicamente correto é uma das táticas da esquerda para fazer o que sempre fizeram em países que implementaram seu plano de poder: aos simpatizantes tudo, aos adversários a força e à população o controle, a mordada e nada mais. A maneira que acharam para tentar dominar a maioria (Bolsonaro, 2018)<sup>25</sup>.

Enquanto o discurso do politicamente correto defende a valorização das diferenças, o candidato politicamente incorreto defende que as minorias é que devem se encaixar, adaptar-se às majorias. Se para alguns o discurso bolsonarista é agressivo, misógeno, preconceituoso, para outros, produz efeitos de autenticidade e franqueza. Seja franqueza ou agressividade, um questionamento fundamental nos é colocado: por que esse discurso, e não outro em seu lugar, foi ovacionado, tendo milhares de adeptos? Por que o discurso que valorizava as diferenças não foi eficaz?

Bolsonaro não surgiu do nada, subitamente. Um conjunto de fatores e construções históricas determinadas temáticas colaborou para que isso

viesses à tona em 2018. O discurso bolsonarista se ancora nos discursos – que já estavam sendo construídos – sobre o politicamente incorreto, dentre eles, de que seria uma forma de censura, impedimento das pessoas dizerem o que pensam, e que então seria preciso romper com essas contínuas barreiras que impediriam o dizer “franco”, “sincero”.

A frequente e massiva divulgação de manuais e cartilhas do Politicamente Correto, a produção de uma verdadeira polícia discursiva, associada, concomitantemente, a um crescimento da cultura do politicamente incorreto, favoreceram a emergência desses discursos.

As várias tentativas de proibir certas palavras e expressões consideradas agressivas provocou o efeito contrário. A proibição, juntamente às inúmeras possibilidades oferecidas pelas mídias digitais, incitou a dizer o que seria preconceituoso, agressivo. Bolsonaro passa, então, a ser considerado aquele que tem coragem para dizer o “indizível”, o que “todos” pensavam, mas cerceados pelo politicamente correto, evitavam enunciar. Entretanto, aqueles que já se associavam ao discurso agressivo e preconceituoso, aqueles que já se alimentavam constantemente das denúncias contra o PT, nutrindo ódio à esquerda, encontrou nesse candidato um porta-voz, e o grito que estava sendo abafado, encontrou caminho nas redes sociais. Seus ecos deixaram outros calados, afinal os discursos que rejeitavam a esquerda pareciam unanimidade nas filas do banco, nas conversas do cotidiano, nas salas de espera.

Desse modo, assistimos ao declínio da esquerda, cujos tanques e arsenais de guerra contra ela já estavam sendo construídos pela mídia desde 1989. Em 2018, a “agressividade” ganha o nome de “franqueza”, “o desrespeito às minorias” é revestido pela capa do “moralismo cristão”, as mentiras passam a se chamar “Fake News”, o que era meio, ponte de comunicação, transformou-se em muro.

O discurso moralista e conservador de Bolsonaro, que defendia, por exemplo, a ideia de família tradicional, certamente contribuiu para a pouca efetividade da esquerda, materializando-se em várias acusações feitas pelo então candidato do PSL. Uma delas diz respeito ao “kit gay”, cuja criação foi atribuída ao candidato Fernando Haddad. Essa notícia gerou muitas polêmicas nas redes sociais e também na grande mídia. No HGPE de Bolsonaro, esse discurso moralista é materializado na fala<sup>26</sup> de um nordestino:

- (13) **Enunciado. 13** “Quero que as escolas ensinem matemática, português, geografia! Minhas crianças são inocentes, não vem com livro de besteiras pra elas, não! (00:02:15)

Desse modo, o discurso bolsonarista se apresenta como aquele que detém o conhecimento e poder para dizer o que pode e o que não pode ser ensinado nas escolas. O chamado “livro de besteiras”, assim como o “viés ideológico” e partidário dos professores e dos conteúdos ensinados, eram intensamente combatidos.

As questões morais também estavam presentes no HGPE de Haddad. Enquanto o moralismo de Bolsonaro defendia a “ordem” e os “bons costumes”, o discurso da esquerda questionava o paradoxo de como o dizer cristão poderia ser favorável à tortura, como mostra o exemplo abaixo:

- (14) **Enunciado. 14 Apresentadora:** “Mas, como pode um candidato que se diz cristão, adorar um homem que torturava e, pior, estuprava mulheres?” (00:03:40)<sup>27</sup>

Ademais, sobre a polêmica do “Kit Gay”, Haddad nega as acusações:

- (15) **Enunciado. 15 Haddad:** “Inventou até que eu teria mandado distribuir para crianças, um material com imoralidades, tentando me atingir. Logo eu, que sou professor.” (00:00:00)<sup>28</sup>

As discussões referentes à moralidade eram frequentes na campanha de ambos os candidatos. O que explicaria, dentre outras questões, a vitória do moralismo conservador? Se para uma parte da população o discurso de Bolsonaro era agressivo, para outra, era franco e autêntico. Parte dos eleitores considerou o candidato como um parresiasta.

Segundo Foucault (2010), “A *parresía* é a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade. Ou ainda, a *parresía* é a ética de dizer-a-verdade em seu ato arriscado e livre” (Foucault, 2010a, p. 63-64).

Entretanto, uma das condições para sabermos se um enunciado é parresiástico é reconhecer o sujeito enquanto alguém qualificado para dizer a verdade. Quem seria esse candidato? O mito? Qual lugar ele ocupa no mundo e que estatuto ocupa? Por meio das práticas de objetivação e subjetivação, os sujeitos objetivados pelos discursos da sociedade, passam a se subjetivar como, supostamente, donos do seu próprio dizer. Certamente as mídias sociais ofereceram ao candidato ferramentas para a

construção de verdades sobre si e a reorganização de seus eleitores em torno dessa verdade. Sua fala apresentava algumas características linguísticas que produziam efeitos de franqueza e honestidade, por exemplo, uma linguagem simples, geralmente breve, alguns elementos prosódicos, como as pausas e silêncio na fala, criando efeitos de que a fala está sendo planejada naquele instante.

Nessa perspectiva, os modos de circulação, a construção de um discurso “simples, franco e moralista” do candidato Bolsonaro, apresentando-se como politicamente incorreto, a histórica depreciação da esquerda, continuamente associada ao comunismo, contribuíram para o fortalecimento da direita, e, conseqüentemente, o insucesso do discurso da esquerda.

### **Considerações Finais**

Uma arqueologia do discurso político de campanha eleitoral, considerando esse pequeno recorte ora apresentado, faz aparecer como determinados discursos sobre os políticos de esquerda são reativados, sempre os expondo como mentirosos e corruptos. Além disso, retrata-se a crença em uma ‘soberania do significante’(Foucault, 1996, p.51) ao se enunciar “o comunista”, que uma vez atribuído imediatamente traz à memória alguém a ser combatido. As transformações no discurso político eleitoral deram-se, em especial, pelos modos tecnológicos de circulação, inscrevendo-se em dois pontos centrais: a liberdade de expressão e autenticidade na forma de enunciar. Se se atribuía à esquerda a fala simples e espontânea, a direita passou a empregá-la, estabelecendo assim um diálogo de iguais com a classe mais humilde. A didatização também cumpriu esse papel, além de dar credibilidade ao enunciador. A suposta liberdade de expressão afastou a polícia discursiva, as formas de polidez e autorizou os xingamentos, os enunciados misóginos e homofóbicos, a exclusão do diferente. A direita atribui à esquerda o lugar do controle e chama para si o dizer verdadeiro que permite a forma franca de enunciar. Em meio à sedução da liberdade de dizer e ao direito de controle do outro, os eleitores depositaram seus votos, enquanto a política rentista ganhava as eleições.

## Notas

- <sup>1</sup> Dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral: <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>.
- <sup>2</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU).
- <sup>3</sup> [www.dilma.com.br](http://www.dilma.com.br).
- <sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=2P7FtdL-trY>.
- <sup>5</sup> Conforme **Enunciado 2**.
- <sup>6</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/dilma-um-balanco-73jnc8z6gg7g24bhq4aslwk7i/>.
- <sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=mNXh414IDNM>.
- <sup>8</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bS45Ty5pNyA>.
- <sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=iHZDHiIwCps>.
- <sup>10</sup> Referência ao episódio em que o irmão de José Genoíno foi preso no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, com 200 mil reais dentro de uma mala, além de 100 mil dólares escondidos na cueca.
- <sup>11</sup> Conforme **Enunciado 1**.
- <sup>12</sup> Conforme **Enunciado 5**.
- <sup>13</sup> Numa entrevista reportada pelo jornal Estadão, FHC, referindo-se à candidata Dilma, declara: "A minha objeção é a isso, tem que ter políticos reais e não fantoches.". Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/fhc-critica-lula-e-chama-dilma-de-fantoches,619961>.
- <sup>14</sup> O ex-ministro Gilberto Carvalho declara ao Jornal Gazeta do Povo: "Na campanha, vamos deixar claro para o povo o seguinte: votar no Haddad é votar no Lula. É o Lula quem vai governar". Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/homem-forte-do-pt-entrega-estrategia-caso-haddad-venca-e-o-lula-quem-vai-governar-eamoemm70wbiz04g80k99jo1c/>.
- <sup>15</sup> Apresentador: "Agora, o PT quer voltar para fazer uma nova constituição igual à da Venezuela de Maduro e Cháves, censurar a imprensa, soltar presos e enterrar a Lava jato" (HGPE - 00:00:25).
- <sup>16</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=vbtX\\_ERRIEU](https://www.youtube.com/watch?v=vbtX_ERRIEU).
- <sup>17</sup> A imagem pode ser acessada em: <https://globoplay.globo.com/v/4832673/programa/>.
- <sup>18</sup> [www.haddadpresidente.com.br](http://www.haddadpresidente.com.br).
- <sup>19</sup> <http://www.manchetometro.com.br/wp-content/uploads/2018/10/semana-47.pdf>.
- <sup>20</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-WhatsApp.shtml?loggedpaywall>.
- <sup>21</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=hfmG-99-PiM>.
- <sup>22</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=v0h-QJKT\\_c0](https://www.youtube.com/watch?v=v0h-QJKT_c0).
- <sup>23</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=9wpPvXnRXMQ>.
- <sup>24</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45999040>.
- <sup>25</sup> <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/101487760433655808>
- <sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=RYM87pKGWNE>.
- <sup>27</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=t7BcH9oJjok>.
- <sup>28</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Bd6XzK6Y0qw>.

## Referências

- Foucault, M. (1986).** *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1996).** *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2003)** *A poeira e a nuvem. Ditos e Escritos IV. Estratégia Poder-saber*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro; Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010) [1968].** *Resposta a uma questão. In: Repensar a política. Coleção ditos e escritos VI*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010a.)** *Os Governos de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pêcheux, M. (1993) [1969].** *Análise Automática do Discurso. In: Gadet, F.; Hak, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- Pêcheux, M. e Gadet, F. (2004)** *A língua inatingível. O discurso na história da linguística*. Trad. de Bethania Mariani. Campinas: Pontes.

## Notas biográficas



**Vanice Sargentini** é Professora Titular do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui mestrado (1991) e doutorado (1998) em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP. Desenvolveu estágio de Pós-doutorado na Université Paris III - Sorbonne Nouvelle (2008). Pesquisa na área da Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: reflexões epistemológicas e analíticas sobre estudos do discurso, mídia e discurso político. Coordena o Grupo de Pesquisa *LABOR/UFSCar*. Publicou diversos artigos e capítulos de livros e organizou as obras “*Michel Foucault e os domínios da linguagem*” (2004), “*Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*” (2008), *Discurso, Semiologia e História* (2011), “*Presenças de Foucault na Análise do Discurso*” (2014), *(In)Subordinações Contemporâneas: consensos e resistências nos discursos* (2016), *Mutações do discurso político no Brasil* (2017) e *Los pueblos de la democracia: política y médios em el siglo XXI* (2018).

**E-mail:** [sargentini@uol.com.br](mailto:sargentini@uol.com.br)



**Geovana Chiari** é doutoranda e mestre (2016) em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos. Desenvolve seu projeto no âmbito da Análise do Discurso de orientação francesa, tendo como foco a análise da agressividade no discurso político. Possui graduação em Letras: Português e Inglês pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2014). Durante a graduação, foi bolsista de iniciação científica do CNPq de 2010 a 2012 e bolsista da FAPESP em 2013, com os temas: discurso político, propaganda política eleitoral, *sites*, tendo como base a análise do discurso de orientação francesa. É membro do Laboratório de Estudos do Discurso da UFSCar (LABOR/UFSCar). Cursou disciplinas do Mestrado 1 (2014) na Universidade de Picardie Jules Verne como bolsista de graduação-sanduiche pelo Programa Philéas Accueil - Conseil régional de Picardie. Atua nos seguintes temas: análise do discurso político e midiático, propaganda eleitoral. No mestrado, dedicou-se aos estudos da agressividade no discurso político brasileiro, com financiamento da Fapesp.

**E-mail:** [geovanachiari@gmail.com](mailto:geovanachiari@gmail.com)